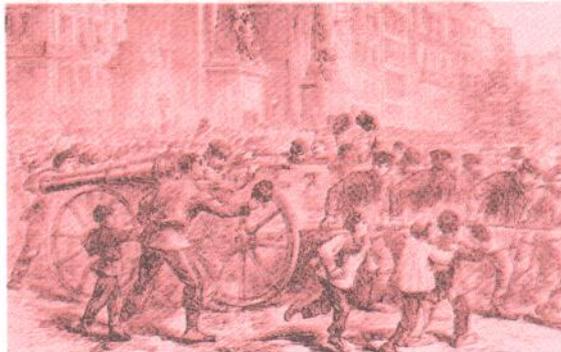


A COMUNA DE PARIS E O INTERNACIONALISMO PROLETÁRIO

Silvio Costa*

As revoluções burguesas, principalmente depois de 1789, contra a ordem monarquista trazem consigo o *slogan* universalista *liberdade, igualdade e fraternidade* – princípios formais elaborados pelos pensadores contratualistas e pelo *iluminismo* – e também a idéia de que todos os homens têm o direito de resistir aos regimes opressores, o que contribui para legitimar as insurreições e revoluções contra os regimes monarquistas baseados em privilégios e discriminações. Assim, as transformações em um determinado país repercutem imediatamente em outros, seja pela reação das forças de conservação da ordem que tentavam manter seus privilégios de classe, seja pela necessidade que tinham os regimens burgueses nascentes de se defenderem. Isso faz com que as mudanças em um país – em nosso caso em toda a Europa do século XIX – tenham impactos decisivos para além das fronteiras geográficas e da repartição política e territorial entre as monarquias.

Resulta especialmente significativo, no que diz respeito aos aspectos internacionais das revoluções posteriores a 1789, que a Revolução Francesa se converteu em algo mais que uma simples revolta contra problemas especificamente franceses: as reivindicações e os *slogans* dos revolucionários da França, como *liberdade, fraternidade e igualdade*, podiam ser aplicados de maneira óbvia a qualquer país e século. De fato, alguns conceitos e ideologias que surgiram da França revolucionária, como democracia e socialismo, se desenvolveram de maneira específica como movimentos internacionais conscientes por parte de intelectuais revolucionários como Karl Marx. Também convém assinalar que os



avanços tecnológicos na imprensa e comunicações tornaram possível que as idéias se propagassem com rapidez, não só dentro de um país determinado, mas também além de suas fronteiras [...] Era cada vez mais evidente aos revolucionários e conservadores que a revolução, do mesmo modo que o desenvolvimento econômico, estava se convertendo com grande velocidade em um fenômeno inter-relacionado em escala global.¹

A IDÉIA DE NAÇÃO E O INTERNACIONALISMO BURGUES

A concepção burguesa, que pressupõe um conteúdo genérico de *liberdade em abstrato*, de *igualdade em abstrato*, de *fraternidade em abstrato*, ou seja, de direitos universais *abstratos* e de homem *abstrato*, necessita e constrói conjuntamente a idéia *abstrata* de povo, como sendo os habitantes – independente de suas origens étnicas e classes sociais – de um determinado espaço geográfico e político, denominado *nação*.

A ideologia burguesa, ao elaborar idéias de igualdade e direitos universais em abstrato, busca eliminar as contradições e as desigualdades – reais –

* Professor de sociologia e ciência política na Universidade Católica de Goiás. Doutorando na Universidad Complutense de Madrid. É autor, entre outros, de *Tendências e centrais sindicais* e *Comuna de Paris: o proletariado toma o céu de assalto*. E-mail: silviocostabrasil@hotmail.com.

<https://doi.org/10.36311/0102-5864.17.v0n36.2225>

A ideologia burguesa, ao elaborar idéias de igualdade e direitos universais em abstrato, busca eliminar as contradições e as desigualdades – reais – entre as classes sociais e uniformizar a sociedade.

entre as classes sociais e uniformizar a sociedade. Assim, no esforço de neutralizar a ação coletiva do proletariado e impedir sua identidade de classe,

apresenta o *povo-nação* – todos aqueles que habitam o mesmo espaço político e geográfico, possuem as mesmas “tradições” e “história”, falam o mesmo idioma, têm a mesma cor da pele, etc. – como a identidade coletiva. Mas, a destruição da hegemonia da nobreza, as transformações políticas, o desenvolvimento das forças produtivas e “a internacionalização da produção capitalista fazem [...] com que a burguesia se torne uma

burguesia internacional e o proletariado um proletariado internacional. Há, portanto, uma burguesia e um proletariado europeus [e mundial], não vários”.²

Na realidade, o *povo-nação*, a *nacionalidade*, ao transformar desiguais em juridicamente iguais, tenta criar identidade de interesses entre operário e capitalista e negar o antagonismo engendrado ao nível das relações de produção, e que se manifesta por toda a sociedade, eliminando a divisão da sociedade em classes sociais antagonicas, em luta irreconciliável, e a contradição essencial entre capital e trabalho.³

Ao implantar a coletividade nacional, o Estado burguês define todos os agentes da produção, produtores diretos ou proprietários, como iguais, tal igualdade consistindo em sua condição comum de habitantes de um mesmo território [...] Assim, a unificação aparente ou formal dos agentes da produção em *povo-nação* transforma os produtores diretos em indivíduos: neutraliza sua tendência ao isolamento. Essa individualização é um obstáculo à luta dos produtores diretos contra os proprietários dos meios de produção que lhes extorquem o sobretrabalho; nessa medida, ela torna possível a renovação contínua desse processo de extorsão [...] O Estado burguês, ao representar a unidade [...] dos membros das classes sociais antagonicas no *povo-nação*, desem-

penha a função de neutralizar a tendência à formação de comitês de fábrica, sindicatos operários, partidos revolucionários; isto é, de atomizar os produtores diretos, conservando-os num estado de massa (individualismo, concorrência no mercado de trabalho) e impedindo sua constituição em classe social.⁴

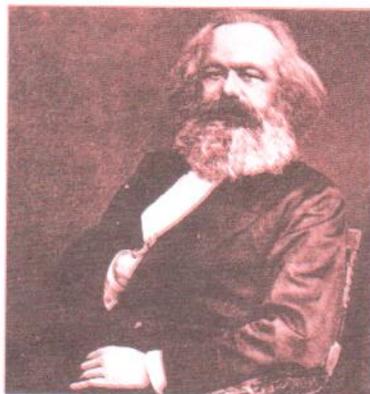
A *Comuna de Paris de 1871* desmistifica o discurso burguês do *Estado-nação*, do *nacionalismo* burguês e revela o caráter internacional da aristocracia e da burguesia, e conseqüentemente das classes e da luta de classes.

As classes proprietárias não opõem resistência significativa à ocupação da França – e de Paris – pelas tropas prussianas inimigas, mas, devido à rebeldia do proletariado, elas se apressam nas negociações com os monarquistas prussianos.

Thiers expôs com muita clareza aos componentes de seu governo e à Assembléia Nacional que era necessário aprovar imediatamente as condições de paz com Bismarck, sem perda de tempo e sem conceder as honras de um debate parlamentar, pois esta era a única circunstância sob a qual a Prússia permitiria iniciar a guerra contra a república e contra Paris, que naquele momento era seu baluarte. Na realidade, Thiers afirma que a contra-revolução francesa e europeia, em aliança contra o proletariado, não tem tempo a perder.

As classes proprietárias se submetem às imposições prussianas e, com a garantia de não-intervenção – e inclusive de apoio – do exército inimigo, elas organizam e concentram sua violência e poder de destruição contra seus “cidadãos”, contra a *Comuna*.

O fato inédito de que, na mais tremenda guerra dos tempos modernos, o exército vencedor e o exército vencido confraternizem na matança comum do proletariado não representa, como pensa Bismarck, o esmagamento definitivo da nova sociedade que avança, mas o desmoronamento completo da sociedade burguesa. A empresa mais heróica de que ainda é capaz a velha sociedade é a guerra nacional. E fica provado agora que é ela uma pura mistificação dos governos destinada a retardar a luta de classes e da qual se prescinde logo que essa luta eclode sob a forma de guerra civil. A dominação de classe já não pode ser disfarçada sob o uniforme nacional;



Marx

todos os governos nacionais são *um só* contra o proletariado!⁵

INTERNACIONALISMO PROLETÁRIO

Explicitando as contradições entre o discurso ideológico mistificador e a prática agressiva e imperialista em que se afirma o nacionalismo burguês, Marx e Engels, em contraposição, revelam já em 1848, no *Manifesto do partido comunista*, o conteúdo internacional das relações capitalistas burguesas e das classes sociais, exteriorizam o caráter internacional – nacional somente enquanto forma de manifestação – da dominação e exploração de classe e conseqüentemente o caráter internacional das classes e da luta da classe operária, ou seja, o internacionalismo proletário. Aliás, este caráter internacional é exposto no frontispício do *Manifesto*: “Proletários de todo o mundo, uni-vos!”.

Neste sentido, a *Comuna de Paris de 1871* é a primeira experiência e manifestação do conteúdo internacional das classes, da dominação de classe e da luta entre as classes, pois revela com grande nitidez, contundência e violência a aliança e união das aristocracias e burguesias francesas e prussianas contra o proletariado de Paris.

A *Comuna de Paris*, ao se posicionar contrária à submissão da França e à entrega de Paris à dominação prussiana, não o faz movida somente pelo sentimento *nacional* – forma em que se mostra concretamente a luta de classes –, mas sim por uma série de razões, as quais, nesse momento, colocavam com grande evidência que a luta de classes não se limita às fronteiras nacionais, a um só país: ela é internacional, como ficou demonstrado cristalinamente pelas posições assumidas pelo proletariado de Paris e pelas classes proprietárias francesas em aliança com as tropas prussianas de ocupação.

Assim, a luta do proletariado parisiense contra as aristocracias e as burguesias francesas e prussianas assume conteúdo internacional e revela que os problemas das classes dominadas e exploradas não se limitam às fronteiras políticas e geográficas. E assim, recebe solidariedade da classe operária de diferentes países que compreendem que a exploração de que uma é objeto é a mesma das classes exploradas de outras nações, e que são parte dessa sociedade civil mais ampla que é a sociedade

mundial. Por isso, os conflitos locais e nacionais são somente manifestações concretas da luta de classes e que tendem a desaparecer com a internacionalização das relações sociais, e assim, se convertem em conflitos que superam os limites nacionais. Os problemas e a luta do proletariado francês não se limitam a suas fronteiras geográficas, mas são os mesmos que os do proletariado alemão, do proletariado inglês, do proletariado espanhol, e assim sucessivamente.

Neste sentido, o proletariado obtém o apoio e a solidariedade do movimento operário e socialista de vários países – sobretudo da Associação Internacional dos Trabalhadores, a *Internacional* –, incorpora inumeráveis socialistas estrangeiros em suas fileiras e, sentindo sua convicção sobre os princípios do internacionalismo proletário, escolhe vários estrangeiros para posições de direção na *Comuna*, que, inclusive, morrem nas barricadas em defesa da *república universal*. Isto porque “a bandeira da Comuna é a bandeira da República mundial”.⁶

Não obstante, ao largo de sua curta existência de 72 dias, a Comuna de Paris encontrou muitos partidários por toda a Europa, pertencentes sobretudo à gente trabalhadora corrente, em geral membros de sindicatos e uma minoria significativa de partidários da Primeira Internacional de Marx. Mandaram mensagens de apoio e organizaram, quando foi possível, reunião pública de solidariedade. A maior dessas manifestações foi realizada no Hyde Park de Londres em 16 de abril de 1871, com 30.000 participantes. Além de que, apesar da derrota da Comuna no mês seguinte, os *communards* legaram ao movimento internacional operário os símbolos que ainda perduram: a bandeira vermelha do socialismo e a famosa canção do comunismo, a “Internacional”, escrita pelo *communard* Eugène Pottier.⁷

A *Comuna de Paris de 1871* – ao possibilitar aos proletários de Paris e ao proletariado mundial o entendimento de que não só é possível, mas também

Neste sentido, a *Comuna de Paris de 1871* é a primeira experiência e manifestação do conteúdo internacional das classes, da dominação de classe e da luta entre as classes, pois revela com grande nitidez, contundência e violência a aliança e união das aristocracias e burguesias francesas e prussianas contra o proletariado de Paris.



Os problemas e a luta do proletariado francês não se limitam a suas fronteiras geográficas, mas são os mesmos que os do proletariado alemão, do proletariado inglês, do proletariado espanhol, e assim sucessivamente.

construir um novo tipo de Estado que lhes possibilite utilizá-lo para seus próprios fins, para se tornarem senhores de seu próprio destino.

é um dever imperativo e um direito lutar pela concretização dos princípios de *liberdade, igualdade e fraternidade* internacionais, não se limitando simplesmente a se apoderar da máquina do Estado (nacional) tal como se apresenta e servir-se dele – mostrou como devem tomar o poder político e

NOTAS

- ¹ Allan Todd, *Las revoluciones. 1789-1917* (Madri: Alianza, 2000), p. 112.
- ² Gonçalo Armijos Palácios, *A verdade sobre "A ideologia alemã"* (Goiânia, 1995), p. 27.
- ³ Sílvio Costa, *Comuna de Paris: o proletariado toma o céu de assalto* (São Paulo/Goiânia: Anita Garibaldi/Universidade Católica de Goiás, 1998), p. 135.
- ⁴ Gonçalo Armijos Palácios, *op. cit.*, p. 26.
- ⁵ Karl Marx, "A guerra civil na França", em Marx & Engels, *Textos 1* (São Paulo: Alfa-Omega, 1977), p. 215.
- ⁶ *Ibid.*, p. 162.
- ⁷ Allan Todd, *Las revoluciones. 1789-1917*, cit., p. 119.